



# O ULTIMATO DE OANNES

*Rogério Silvério de Farias*

*FREE BOOKS*

ROGÉRIO SILVÉRIO DE FARIAS

**O ÚLTIMATO DE OANNES**

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – NOSSOS AUTORES

TERROR-HORROR-FANTASIA

Título: O ULTIMATO DE OANNES

Autor: Rogério Silvério de Farias

Imagem da capa: William Waterhause (1849 - 1917)

País de origem: Brasil

Leiaute da capa: Canva

Série: Nossos Autores – vol. 5

Editor: Free Books Editora Virtual.

Site: [www.freebookseditora.com](http://www.freebookseditora.com)

Direitos: © Rogério Silvério de Farias. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução sem autorização prévia e expressa do autor

Ano: 2017

*Sites recomendados:*

[www.triumviratus.net](http://www.triumviratus.net), [www.contosdeterror.com.br](http://www.contosdeterror.com.br)

## Sumário

[O ULTIMATO DE OANNES](#)

[SOBRE O AUTOR](#)

## O ULTIMATO DE OANNES

Não sei exatamente durante quanto tempo permaneci semiconsciente, boiando ao sabor das ondas, agarrado àquele providencial tronco de palmeira. Estou meio que montado, meio que deitado sobre o tronco, e mal percebo que o sol vai nascendo esplendidamente no longínquo horizonte, refletindo nas águas seus belos matizes áureos e ígneos de majestosa claridade.

Estou na vastidão do mar de Andaman, perto de Khao Lak, no sudoeste da Tailândia.

Meu nome é Tony Cegalla, e sei que sou o sobrevivente de um pesadelo fantástico e atemorizante, de um horror inimaginável urdido pelas mãos inclementes de uma força além de minha capacidade de compreensão.

O mar está calmo e, paulatinamente, minha memória vai clareando, e então vou lembrando tudo, dispersando as nuvens plúmbeas do horror que ainda assombram minha alma atemorizada!...

\*\*\*

Turistas estavam passeando despreocupadamente pelas areias da exótica praia de Khao Lak, nas proximidades do centro da província de Phuket. Dentre eles, estou eu, minha esposa Lorraine e meu filho Bob, de nove anos. Também havia Kimbo, um pequeno e irrequieto *airedale terrier*.

Sou escritor, e estava ali, em férias com a família, na Tailândia.

Lembro que Kimbo brincava com uma bola vermelha, enquanto Bob, observado por Lorraine e eu, construía metodicamente um castelo de areia, bem ali, na beira da praia, utilizando-se um pequeno balde e uma pá de plástico amarelo. Kimbo começou a latir alto, presentindo nervosamente algo de estranho e aziago no ar. De repente olhamos para o mar, e o que vimos nos paralisou de medo. Era o horror, e ele vinha do mar na forma de gigantesca onda. Na verdade o terrível tsunami que entraria para a História naquele fatídico 26 de dezembro de 2004, assinando com a tinta da morte sua passagem assassina pela Costa de Andaman.

O tsunami parecia uma colossal mão do gigante líquido que é o mar, dando um safanão nas pessoas, que eram como insetos minúsculos ante a força da vaga destruidora da morte.

Em pânico, nadei e gritei por Bob e Lorraine. Então Lorraine, com esforço, conseguiu segurar-se em minha mão, à medida que todos nós éramos arrastados como lenhos no inferno das águas.

Vi pessoas, cadeiras, destroços sendo arrastados.

Todavia, o pior estava por vir. Após entrar terra adentro, destruindo tudo, agora o tsunami voltava loucamente, num repuxo vertiginoso, arrastando e levando-nos para o mar.

Lorraine gritava por Bob. Tentando insuflar em minha esposa um pouco de esperança, gritei a ela que Bob devia estar bem, pois sabia nadar, apesar de sua pouca idade, e em meu íntimo abençoei o dia em que o matriculei na aula de natação, nas últimas férias em Orlando.

Foi neste instante que avistei minha tábua de salvação, o tronco de palmeira que flutuava ao acaso nas águas. Como eu já estivesse exausto de tanto nadar e boiar agarrei-me ao tronco, conseguindo puxar Lorraine pelo braço até junto de mim, no momento exato em que ela, fatigada, afundava.

\*\*\*

Caíram as trevas da noite, porém agora uma imensa lua cheia iluminava a superfície ondulante do mar, tal qual lâmpada de majestosa esperança.

Estávamos longe da costa, agora. Exaustos, porém vivos, agarrados ao tronco flutuante.

Ao luar, víamos, com profundo horror, corpos boiando. Eram corpos de velhos, mulheres e crianças; turistas, pescadores, aldeões. Gente que o tsunami infernal carregara, no repuxo infernal das águas. Era como se boiássemos num cemitério aquático de horror pleno!

Ao surgir um novo dia, veio a sede, a qual nos martirizava ainda mais.

Lorraine parecia, além de atônita, perto do poço negro do desespero, devido ao fato do sumiço de Bob nas águas do mar.

De repente minha esposa sentiu nascerem forças dentro de si ao avistar dois objetos, o balde e a pequena pá de plástico. Sem medir as consequências, Lorraine largou do tronco e nadou com suas últimas forças até os brinquedos que boiavam, mas que estavam mais longe do que supúnhamos.

Então eu a perdi de vista quando uma onda mais alta levantou, e comecei a chorar, pronto para me entregar à morte, pois não tinha mais forças para procurá-la.

Devo então ter desmaiado ou entrado num estado de delírio ou alucinação, pelo menos é o que meu lado cético afirma hoje em dia.

E ali estava eu, sozinho, boiando sobre um tronco na assustadora e ondulante solidão do oceano.

Talvez tenha entrado numa espécie de febre delirante devido ao cansaço e a falta de água, pois vivenciei uma série de aventuras em espécies de delírios ou pesadelos vívidos, estranhos e reais demais.

Vi, à luz exangue de uma lua parcialmente nublada por nuvens pardacentas, emergindo das profundezas, como espectros dos mistérios do fundo do mar, uma legião assustadora de fantásticas criaturas, que mais pareciam *devas* ou *elementais* dos oceanos, mitológicos seres ou entidades, metade peixe, metade mulher ou homem, algo assim como sereias ou tritões. Eram criaturas espantosas, de semblante grave, quase todas nadando ou montadas em animais semelhantes a hipocampos gigantes, que pareciam cavalgar ou galopar por sobre as ondas. Então, um desses seres, que por último emergira das profundezas pelágicas, se dirigiu a mim, numa emissão contínua de exortações telepáticas, algo como um ultimato terrível e feroz. E a “voz psíquica” daquele ser titânico, colossal e sobrenatural, ressoou em minha mente como a bulha de mil ondas ou como o rugido bestial de mil leviatãs dos mares revoltos do inferno. E soube, então, que estava diante de um ser mais antigo que o Homem, que em eras antiquíssimas da Terra fora adorado sob o nome de Poseidon ou Netuno, Dagon ou Oannes.

Assim se pronunciava o portentoso e gigantesco rei do mar:

“Ó vil criatura vivente da superfície! Homem das regiões secas!... O povo do augusto abismo das águas clama por mais guerra, todavia eu proclamo um ultimato à vossa raça infame! Vós deveis avisar aos vossos semelhantes que os oceanos e mares são reinos habitados por muitas raças, povos que estão aqui desde a aurora do mundo!... É mister que vós cessais com a poluição das águas dos mares, bem como com todo nefando experimento atômico e nuclear, que os líderes de vossa civilização realizam ocultamente nas regiões do alto pélago, lar do *Povo das Profundezas*! Que os néscios homens da superfície cessem com suas paranoias e megalomanias, do contrário nós, dos reinos do fundo do mar, seremos forçados a entrar em guerra convosco. *A grande onda que vos enviei foi um mero aviso, um ultimato!*”

Aterrorizado, perdi de todo a consciência...

\*\*\*

Agora, ao despertar para um novo dia, eis-me aqui.

Pestanejei ao ouvir latidos em pleno mar, e mal pude acreditar no que via. Sobre um grande pedaço de madeira que funcionava como jangada improvisada, estavam Bob, Lorraine e Kimbo, vivos, ao lado de um homem magro, um tailandês, que, com um pedaço de pau, remava energicamente. Naquele instante passei a crer em milagres e em forças além da capacidade humana de compreensão, e, sobretudo passei a respeitar o mar e seus mistérios milenares.

Soube, então, que o tailandês se chamava Thomburi, e ele salvara Bob, Kimbo e Lorraine; ele próprio sobrevivera, também, ao repuxo do tsunami infernal que nos levara a todos ao mar alto.

Eu e minha família estávamos todos esperançosos, e não demorou muito tempo para aparecer diante de nós um barco de salvamento.

Thomburi e eu gritamos e acenamos, e logo do barco desceu um escaler com marinheiros que se dirigiram até nossa jangada improvisada. Finalmente estávamos salvos.

Mas até hoje, em noites de chuva, tenho sonhos fantásticos com Oannes e seu ultimato. Eis porque resolvi escrever meu próximo livro, enfatizando questões ambientais que protejam o mar e todas as criaturas vivas e fantásticas que habitam suas misteriosas, profundas, antigas e imemoriais águas!



## **SOBRE O AUTOR**

Catarinense de Tubarão, **Rogério Silvério de Farias** é autor de ficção científica, horror e fantasia. O ficcionista tem se destacado com seu estilo sombrio e fantástico, criando contos, novelas e romances extraordinários e insólitos, onde quase sempre o sobrenatural aparece como elemento assustadoramente inquietante, com leves pitadas de ficção científica.